

DOSSIÊ – TEXTOS LITERÁRIOS

O MAR DE BOLACHAS

A SEA OF BISCUITS

EL MAR DE GALLETAS

Marcelo Maria Pinto Nunes

O encontro da montanha com a boca do mar

Gariana, terra dos guerrilheiros, montanhosa, o planalto parece o talefe do mundo. Afastado da *boca do mar* vivia o Maubarani com os seus pais. Na aldeia só havia casas típicas de *uma-du'ut*¹, construídas *de forma* desordenada à volta de florestas, relvas, cafezais, capins e vegetais.

Numa manhã de alvorada, como combinado com o pai, o menino levantou-se primeiro para ir trazer o cavalo, para que ele e o seu pai se deslocassem à cidade. O pai sempre quis levá-lo à cidade.

O menino murmurava: da serra para a cidade... o que haverá por lá? da floresta até ao mar... ai, que medo!

No caminho, passavam pelos cafezais, vales, montanhas e ribeiras. Chegaram cansados, exaustos.

Quando chegaram a casa do tio já era de noite... assim que chegaram, o tio que era pescador, também chegou da faina...

Como a viagem tinha sido cansativa, o menino logo adormeceu. Ouvia-se o barulho das ondas do mar. O menino associava estes sons ao que conhecia do seu mundo. Pareciam-lhe a queda de água de cascata de Belema-lua, perto da sua aldeia, onde os guerrilheiros tomavam banho, lembravam-lhe os búfalos que se levantam de charcos, as chuvas fortes das montanhas, os tiroteios longínquos dos guerrilheiros com soldados indonésios, explosões de granadas ou o cavalgar bruto dos soldados Indonésios... mas neste caso não é um barulho de guerra nem de violência, mas sim uma voz de receção ao menino da montanha. E assim as ondas embalaram o menino pela noite fora.

No dia seguinte, o primo levou-o para ir à *boca do mar*. O menino entusiasmou-se com a ideia de conhecer esse outro mundo.

Enquanto passeavam, o menino descobria o mar. Para ele o mar era um desconhecido porque ele só conhecia a ribeira, os pântanos e os charcos. Tal como um professor, o primo ensinou o menino a cumprimentar o mar. Disse-lhe para tocar na água e para se benzer, em nome do Pai. Desta forma, o menino estaria protegido contra o perigo. A crista esbranquiçada de cada onda iluminou os olhos do menino, encantado com a vista diante de si. O cheiro de maresia, envolto numa brisa fresca, deu-lhe conhecer uma nova relíquia da natureza, a qual chamamos oceano. Tudo era novo e fascinante para um menino que vivera a sua vida na aldeia. Depois de se conhecerem, o mar e o menino ficaram amigos para a vida.

De repente, aconteceu algo que nem o primo esperava. Com as ondas do mar chegavam à boca do mar embalagens de bolachas. Ficaram ambos surpreendidos. Nem podiam acreditar no que se estava a passar! Foram chamar os pais e os vizinhos para assistir a este acontecimento. Toda a aldeia correu para a praia. Foi uma novidade para todos. Nunca na vida o mar tinha trazido bolachas. Não sabiam bem o que fazer com elas.

O menino questionava-se:

¹ *Uma du'ut* são as casas tradicionais construídas com folhas de palmeira ou relvas.

– De onde vêm essas bolachas? Serão venenosas? Ou serão apenas uma dádiva de Deus? será que tenho coragem de as provar?

Os outros meninos já conheciam o mar. Confiavam nele. Sem medo, entraram, pegaram e provaram as bolachas. Eram iguais às que vendem nos quiosques. Então o menino imitou-os: com coragem agarrou numa embalagem, rasgou-a e saltaram as bolachas. Apanhou uma do chão e meteu-a na boca. Da boca do mar para a boca do menino.

Depois de se deliciar com esta prenda do mar, o menino foi perguntar ao pai porque é que o mar lhe estava a dar bolachas. O pai respondeu:

– *Filho, esta alegria para nós foi uma tristeza para outros. Podia haver um terremoto ou naufrágio nas ilhas da Indonésia. Lá destruiu, mas cá construiu. O que é desastre para uns, pode ser fortuna para outros.*

Esta foi a primeira lição que o pai deu ao filho sobre a vida. E o filho guardou-a no seu coração.

O pai continuou:

– *Isto não acontece só com bolachas. Um coqueiro de uma ilha pode perder os seus frutos. Contudo, levados pelo mar, os cocos podem construir um jardim noutra ilha. A natureza funciona assim: em dar e receber. Nós na montanha vemos que a chuva leva para longe de nós as sementes. No entanto, são levadas e germinam noutra terra.*

Quando depois voltou a Gariana, o menino nunca mais esqueceu esta lição de vida: o que damos hoje, recebemos de volta amanhã. A vida traz muitas surpresas!

Sobre o autor

Marcelo Maria Pinto Nunes nasceu em oito de março de 1986 em Gariana, Maubara, Liquiçá. É professor e tradutor de Português-Tétum. Atua como professor de Língua Portuguesa no Ministério do Ensino Superior, Ciência e Cultura de Timor-Leste. Licenciou-se em 2012 em Ensino da Língua Portuguesa pela UNTL e atualmente é mestrando em Ensino da Língua Portuguesa no Contexto de Timor-Leste.

E-mail: marcelomarlonunes@gmail.com.